

SOLITUDE, CONTEMPLAÇÃO E ORAÇÃO: DESAFIOS PARA O PENTECOSTALISMO

Egon Alberto Wutzke¹

RESUMO

Este artigo abordará sobre a importância da solitude, contemplação e oração para o desenvolvimento de uma espiritualidade pentecostal saudável. Trata-se de desafios para o pentecostalismo hodierno. Vive-se em tempos de notável agito e barulho; o ativismo desenfreado tem prejudicado o contato de homens e mulheres do século XXI com sua dimensão mais interior e transcendental. Para apontar caminhos de superação desta tendência, e contribuir para o enriquecimento da tradição pentecostal, o autor realiza uma busca no exemplo de Jesus Cristo, em sua comunhão com Deus Pai, bem como nas orientações dos “pais do deserto”, mestres da espiritualidade do silêncio.

Palavras chave: solitude; contemplação; oração; pentecostalismo; espiritualidade.

Comentando sobre João 21.15 – Pedro, se tu me amas, conduz me a minhas ovelhas para a água viva que eu prometi a todos que têm sede e que ofereci à samaritana na fonte de Jacó. Não sejas tão cartesiano, Pedro, porque a água viva que darei tem pouco a ver

¹ Egon Alberto Wutzke é pastor, mestre em Teologia e Professor no Centro Evangélico de Educação e Cultura – CEEDUC.

com a cabeça e tudo a ver com o coração. Ensina-as sobre o coração, Pedro, de forma que elas possam adorar com o espírito e com o coração e se tornar um povo ressuscitado mesmo quando em peregrinação.

Frank X. Tuoti

INTRODUÇÃO

O leitor não deverá considerar este texto como sendo um curso sobre “oração em 101 passos”, não há qualquer pretensão neste sentido. Mas conduzir o leitor à consulta de outros livros sobre o assunto. O objetivo é propor o descanso, o “shabatt”, como algo possível de se vivenciar em nossa realidade. Separar tempo para o silêncio, leitura meditativa, contemplação e oração, mais que sugestão é um mandamento divino. Tudo isso pode ser um bálsamo, mas como encontrá-los?

1 OS SINAIS DO NOSSO TEMPO

Falar sobre o silêncio e quietude no mundo de hoje é um pouco estranho, ou pelo menos fora de cogitação. Muitos já acordam ao som de um despertador ou rádio-relógio, ou ainda ao som magnífico e insistente do celular. Ao tomar café ficam sabendo pela televisão das notícias mais recentes, ou leem no jornal as últimas calamidades da noite ou dia anterior. Poucos resistem a ligar o rádio ou CD do carro ou da condução que leva ao trabalho. Vive-se numa sociedade que consome informação de toda espécie, auditivas e visuais. Mesmo nos recantos mais distante do interior o som sertanejo invade as madrugadas dos agricultores no momento da ordenha. “Out doors” expõem corpos perfeitos, retocados no computador, além de pizzas, carros e eletrodomésticos cada vez mais descartáveis, gerando sonhos de consumo e ondas de descontentamento para quem está fora do jogo.

Nos últimos anos, as pessoas têm recebido uma verdadeira torrente de palavras. Em todos os lugares o grito das palavras murmurados com suavidade, ou proclamados em alta voz ou aos berros, palavras em muros, muitos sons, muito volume. Observa-se inclusive que a Igreja entrou neste jogo das palavras, assim, quem grita mais alto, mais “unção” tem. Algumas igrejas, outrora lugar de refúgio de paz e silêncio, hoje fazem um “louvor aeróbico”, com um som numa altura que interfere no batimento cardíaco.

Pessoas quietas nos causam espanto e incômodo por serem diferentes. Jovem para ser e estar “de boa” tem que curtir um som... o autor é pai de filho adolescente e, portanto, sabe a respeito do assunto! Mas, por favor, não o interpretem mal! Aprecia música, boa conversa! E pregação em cultos!

Reconhece-se que existe uma poluição de estímulos que causam danos ao poder discriminativo das terminações nervosas, uma gama de exposição tóxica que cauteriza os órgãos sensoriais. Isto posto, jejum, oração, silêncio, quietude, criam possibilidades de reorganização neurológica ou seja, podem colaborar para a saúde mental.

É preciso salientar que silêncio, solidão e quietude não é lazer. Ter um lazer é muito bom, mas é diferente, pois o objetivo do lazer é distrair. Deve-se levar em conta hoje que muito do lazer assemelha-se ao trabalho: consomem-se emoções que produzem adrenalina. Vive-se num mundo onde “tempo é dinheiro” e sugerir parar “para pensar” não soa bem. Não é raro encontrar pessoas que não conseguem relaxar e descansar nas férias ou que não sabem o que fazer no domingo. Já para os cristãos em geral, inclusive pentecostais, o domingo pouco lembra um dia de descanso: corre-se de um programa para o outro, intercalando eventos.

Essas observações conduzem diretamente ao âmago do problema da realidade atual. Não se vive em uma comunidade radiante de quietu-

de e amor de Cristo, mas uma rede perigosa de sons e vozes que fazem perder o sentido da vida. A pergunta básica é se os cristãos pentecostais ou não, já não foram tão profundamente moldados pelos poderes sedutores do mundo escuro e barulhento?

Ao examinar por um momento a rotina cotidiana. Em geral constata-se muitas tarefas. Agendas estão cheias de compromissos e anos cheios de planos e projetos. Simplesmente não se aquieta para pensar, silenciar e sossegar. É preciso motivar as pessoas para que venham à igreja, movimentar os jovens e acima de tudo todos precisam estar contentes.

É bem fácil perceber que, neste tempo terrível e doloroso da história, os cristãos apresentam dificuldade para cumprir a tarefa de fazer a luz de Cristo brilhar nas trevas. Muitos se adaptam à letargia geral. Outros estão cansados, exaustos, desapontados, amargurados ou simplesmente entediados. Outros, ainda, permanecem ativos e envolvidos – mas acabam por viver mais em seu próprio nome que no Nome de Jesus Cristo. No ministério da Igreja as pressões são enormes, as exigências aumentam e as satisfações diminuem. Como continuar cheio de vitalidade criativa para inspirar as congregações quase sempre entorpecidas? Onde se pode encontrar alívio para a inquietude?

2 EM SILÊNCIO E NA SOLIDÃO/SOLITUDE

O primeiro obstáculo a ser ultrapassado é o da ocupação excessiva. Hoje em dia há tantas pessoas que se queixam de estar superocupados. E nas igrejas não é muito diferente. Geralmente, prefere-se pensar que não há nada a fazer para resolver essa questão, porque, no fundo, há muita coisa a fazer.

A ocupação excessiva quer tenha por objetivo ganhar dinheiro ou tenha como propósito mudar o mundo pela implantação do Reino de Deus, tornou-se uma verdadeira obsessão.

A que se deve essa obsessão com o trabalho e com a ocupação permanente? Deve-se ao fato de que vida encontra-se vazia e, assim, precisa-se preenchê-la afadigando-a sobremaneira? Ou acredita-se de verdade que o intenso ativismo incansável é a única coisa necessária para salvar o mundo?

A superocupação é a distração suprema, de modo que, muitos vivem perdidos no mundo do ativismo e do barulho. Sem o silêncio e solidão se afogam na agenda de reuniões, encontros, discussões e conferências em que há muito ativismo e pouca solicitude. E, como consequência, falta profundidade e espiritualidade devocional.

O despertar que torna mais plenamente consciente e capaz de enfrentar as realidades da vida, requer um tempo de silêncio e de solidão, assim como Jesus Cristo fazia. Jesus chamava ao arrependimento e à conversão, mas também deixou o desafio em caminhar, em percorrer um Caminho, onde não existe atalhos, mas um comprometimento total.

2.1 O silêncio que cura

“Quando orares, entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora ao teu Pai que está lá, no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará.” (tradução livre. Mt 6.6)

Esta passagem do evangelho torna incontestável a necessidade de certo nível de silêncio e solidão na vida se alguém pretende orar bem, se pretende crescer na vida espiritual. Sem as águas profundas e purificadoras do silêncio e da solidão, pode-se incorrer numa vida espiritual estagnada e infrutífera. Mesmo tendo abandonado os prazeres da “velha vida do Egito”, não se cruza suas fronteiras e entra na terra prometida da contemplação se o silêncio e a solidão não afastarem a onda de atividade que

ameaça engolfar as pessoas. O padre oriental Isaac, o Sírio, insiste: “Acima de todas as coisas ame o silêncio, pois ele produzirá fruto que língua nenhuma pode descrever”.²

Soren Kierkegaard comentando que o estado atual do mundo e de tudo na vida é de doença, diz: “Se fosse médico e pedissem meu conselho, responderia: criem silêncio! Levem os homens ao silêncio. Não se pode ouvir a Palavra de Deus no mundo barulhento de hoje”.³

O ser um contemplativo em nossa realidade representa uma semente de silêncio plantada no meio da selva do barulho, cuja colheita virá em tempo futuro. O contemplativo é o testemunho do silêncio, mostrando que tudo nasce do silêncio e ao silêncio deve retornar para se curar e recriar em uma nova vida em Cristo.

O silêncio do contemplativo não chama atenção. Para uma igreja da Palavra fica difícil entender este tipo de espiritualidade. Conversas fúteis não só entediam como também afligem. E isso não tem nada a ver com atitude esnobe ou anti-sociável, mas com a necessidade de dar atenção total a Deus, ao Espírito Santo.

Muitas das músicas de hoje proclamam o vazio interior e a “crise existencial” da sociedade. Sons estridentes, acompanhados de auto-expressão leviana refletem certa dose de doença espiritual e cultural da sociedade. Nas palavras do poeta nigeriano Bem Okai, “quando o caos é o deus de uma era, a música de protesto é o principal instrumento da divindade.” Essa música, segundo ele, é sintomática de um mundo revoltado que procura paz interior. Na realidade a música em alto volume é um grito por silêncio. Tem-se assim um vasto assunto para ser discutido pelo pessoal do louvor nas comunidades cristãs.

² Padre Oriental Isaac da Síria. Chamado se Santo Isaac. Às vezes chamado de Isaac de Nínive foi um dos maiores escritores espirituais do Oriente (século VII).

³ KIERKEGAARD, Soren. **Der weg für arbeit und besinnung**. Berlin. 1975. s. 198.

Heidegger observou que, o discurso no tempo atual degenerou-se mais e mais em conversa fiada. A conversa, o diálogo sério perdeu lugar para o bate-papo, em geral cuidadosamente tecido para causar impressão, para que a pessoa pareça mais importante do que é. Na maioria das vezes, quebra-se o silêncio não pela necessidade de dizer algo, mas pela necessidade de ser ouvido. A linguagem reflete a mente; o silêncio nasce do seio do amor. O silêncio constitui o lar do contemplativo, mesmo no meio do turbilhão do mundo em que ele permanece solitário.

Escreveu Mestre Eckhart: “Nada se parece tanto com Deus como o silêncio”.⁴ O silêncio é algo que a vida na pós-modernidade não valoriza por não ter qualquer função utilitária. O silêncio fica fora do mundo de lucro e utilidade; não se pode explorá-lo em busca de lucro; dele nada se tira. Ele é “improdutivo”. Mas por outro lado oferece auxílio e cura do coração. Ele devolve a plenitude das pessoas tirando-as do mundo das ocupações e conversas vazias, para uma realidade de relacionamento e comunhão com o Criador.

Na oração silenciosa, se testa a disposição de sacrificar o “eu” exterior em prol do amor maior. Quando se abdica do controle obstinado da vida pode-se ficar em silêncio, permitindo ao Espírito Santo orar conjuntamente com o crente. Pode-se dizer que o Espírito Santo une os pedaços da vida humana e os torna plenos e inteiros, elevando-os como aroma suave de incenso ao Pai.

O silêncio diante do Pai é na realidade a oração do Espírito orando dentro do crente “segundo Deus” (Rm 8.26,27). Uma vez que, como afirma Paulo, “enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho”, esse mesmo Espírito, habita o âmago do ser, ocupa a amplitude e profundidade do ser humano. Assim arraigado em Deus, Ele cura feridas

⁴ ECKHART, Meister. **Predigt-meditationen**. Göttinger. 1979. s. 156.

das e começa a fechar os cortes e a corrigir as imperfeições dos males humanos, dores e memórias.

Deve-se considerar que, “Orar no Espírito” não é a mesma coisa que a Oração do Espírito. Podem-se orar no Espírito com palavras, músicas e dança, e em línguas. A oração do Espírito é silenciosa, secreta e completamente agradável para o Pai, “segundo Deus”. Quando se emudece e não se sabe orar, quando, como Jó, a língua gruda no céu da boca, o Espírito orará no cristão. Se este se abrir à fé simples, silenciosa, confiante. Neste tipo de comunhão os crentes são recriados, amados mais e mais, tornando-se pessoas mais plenas. À medida que se aprofunda nossa união com Deus, assume-se cada vez mais o verdadeiro eu, vivendo na prática aquilo que Jesus ensinou em João 15 – se permanece na Videira. O simples fato de se estar na presença de Deus constituirá a base da oração cristã.

Os pais do deserto e do silêncio perceberam a necessidade de uma estrutura simples para dar suporte na sua luta pela oração contínua, selecionando para isso uma frase curta da Escritura e repetiam-na suavemente enquanto cuidavam de seus afazeres diários.⁵

Outros utilizavam a oração de Jesus, conhecido como Pai-nosso, ou simplesmente o nome de Jesus, trazendo a mais simples das orações para dentro de sua rotina cotidiana. Não se está invocando aqui um retorno à Idade Média, mas sim um desafio para a solicitude e tempo de intimidade com o Pai. A cultura e os métodos do último século condicionaram as pessoas a acreditarem que precisam estar “fazendo alguma coisa” na oração para que possam orar de maneira correta. É necessário cuidar para não se ficar preso a uma convicção equivocada de que muito barulho e agitação seja avivamento no Espírito.

⁵ ECKHART, 1979, s. 156. Pais do Deserto são monges e monjas que optaram em viver em total solidão, partindo literalmente para o deserto. Vivendo em total entrega à oração e jejum.

Deus é o Deus silencioso que não está interessado nas aparências das palavras e das imagens (que pode-se chamar “materialismo espiritual”), mas que olha firmemente os corações, o que há de mais profundo no eu interior: “... porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor o coração” (I Samuel 16).

3 JESUS ORANTE NO DESERTO

Para os cristãos Jesus é o mestre em termos de oração. Deve-se recorrer a Ele quando se trata de solitude e oração. Jesus era muito ocupado também. Seguiam-no grandes multidões, empurrando-se e acotovelando-se para chegar perto dele (Mc 5.24-31), ansiando por uma palavra ou por cura. Jesus e os seus discípulos nem sequer tinham tempo para comer. Tentavam retirar-se para um lugar tranquilo, a fim de descansar um pouco, mas as multidões os seguiam (Mc 6.31-34). No entanto, Jesus parecia sentir uma profunda necessidade de silêncio e solidão.

Jesus regressava ao deserto sempre que podia. Eis uma lição importante para a prática da espiritualidade cristã. “Deserto”, nesse caso, não significa um lugar quente e com solo arenoso, onde há pouca ou nenhuma vegetação. A palavra grega *heremon* significa lugar solitário, lugar tranquilo. Foi para um lugar assim que Jesus se retirou durante quarenta dias e noites. Em Lc 4.42 e 5.16, há um exemplo claro onde Jesus tem um tempo sozinho e em lugar solitário.

Seguir Jesus é andar com Ele primeiro até o deserto. Não há outra forma de, em meio a todos os afazeres, entrar no caminho com Jesus a não ser criando um certo espaço na vida que dê lugar ao silêncio e ao deserto. Um cômodo sossegado, como uma sala de estudo, ou um banco do jardim público podem ser o *deserto ou o lugar solitário de algumas pessoas*.

Para João Batista ou então para os místicos do deserto, como Antão, São Bento, o deserto não é um lugar terapêutico particular.⁶ Antes, o lugar de conversão, onde o velho eu morre e o novo eu nasce, o lugar onde ocorre o surgimento do novo homem.

No deserto, na solidão e silêncio se é liberto de todos os recursos e toda sedução do mundo. Nenhum amigo, nada de diálogo, nenhum telefone, celular, computador, TV, livro para ler, só o eu. Henri Nouwen diz que:

“Essa é a luta. É a luta para morrer para o falso eu. A sabedoria do deserto afirma que o confronto com nosso nada aterrador força-nos a nos entregar total e incondicionalmente ao Senhor Jesus Cristo. Só nele e por intermédio dele sobrevivemos às tentações”.⁷

Seria ótimo se os indivíduos pudessem reservar um momento de paz e sossego todos os dias. Se isso não for possível, porém, podem tentar um período mais longo, uma ou duas vezes por semana. Há o desafio e chamado para o encontro com Cristo diário. O encontro com Cristo não acontece antes, depois ou fora da luta com o falso eu e seus demônios.

Adentra-se na solidão antes de tudo para encontrar o Senhor e Salvador Jesus e estar com ele e só com ele. A tarefa, no deserto é conservar os olhos da mente e do coração naquele que é o Salvador. É neste lugar de deserto, de total silêncio e mediante a graça que se enfrenta o pecado; só neste lugar da cura se ousa mostrar as feridas; só com a atenção total em Cristo pode-se desistir dos temores e medos. É assim que se percebe que não é o indivíduo que vive só, mas Cristo vive nele (cf. Gl 2.20).

⁶ Santo Antão e S. Bento, pais do deserto. Antão o pai dos monges nasceu por volta de 251; era filho de camponeses egípcios. Com 18 anos foi para o deserto, onde por 20 anos, viveu completa solidão. ECKHART, 1979, s. 156.

⁷ NOUWEN, Henri. **O perfil do líder cristão do século XXI**. Belo Horizonte: Atos, 2002. p. 28.

Jesus teve de modo particular, a experiência excepcionalmente profunda de comunhão com o Pai. A comunhão plena e única de Jesus com Deus tem sido alvo de debates teológicos ao longo dos séculos, e de definição doutrinal e de fé. Sendo assim, aqui se procura algumas pistas sobre a forma como Jesus pode experimentar sua comunhão com Deus como Pai.

Muitos teólogos e estudiosos atuais são da opinião que a experiência de Jesus com Deus é uma experiência do ABBÁ.⁸ Jesus tinha uma forte relação com o Pai e saber dessa comunhão profunda e de intimidade muito ajuda na busca de comunhão e vida pentecostal em Cristo. Joachim Jeremias diz que:

[...] Abba, era um termo infantil e familiar: ninguém ousaria dizer: Abba dirigindo-se a Deus! Jesus o fez, em todas as suas orações que chegaram até nós [...] Jesus dirigia-se a Deus como uma criancinha a seu Pai, com a mesma simplicidade íntima, o mesmo abandono confiante.⁹

Para Jeremias esta intimidade de relacionamento de Jesus com Deus como Abba, rompe toda uma tradição que via Deus como um “ser distante” e sem muita possibilidade de se ter relacionamento.

A experiência de Jesus com relação a Deus como Abbá (paizinho), ajuda a compreender a espiritualidade de Jesus como sendo de intimidade relacional. É uma experiência de afetividade; Pai de bondade e ternura. Pai próximo. Um pai que não ameaça. Podemos dizer que Jesus não faz uma teologia sobre o Pai, mas mostra como se comporta e como Ele age. Um Pai misericordioso, portanto, um Deus próximo, sensível. Deus é mencionado como um progenitor amoroso que

⁸ Teólogos como Brennan Manning, Henri Nouwen, Michael Ford e outros. Cf. NOUWEN, Henri. **O perfil do líder cristão do século XXI**. Belo Horizonte. Atos, 2002. p. 28.

⁹ JEREMIAS, Joachim. **O pai-nosso: a oração do Senhor**. São Paulo: Paulinas, 1976. p. 37.

abraça, sustenta e protege o seu filho ou filha. É um amor cordial e incondicional, no qual se pode confiar sem reservas.

Ainda mais reveladora do que esse uso da palavra Abba é a descrição que Jesus faz do pai cheio de amor da parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32). Tal pai rejubila com o regresso do seu filho perdido, sem sequer pensar em castigar, não querendo ouvir mencionar a vida devassa e o esbanjamento de dinheiro a que o seu filho se entregara. A reação espontânea desse Abbá é o perdão incondicional.

Jesus via a si próprio como o filho que aprendia imitando o próprio Pai. Aprendia a perdoar de forma incondicional, como Deus faz. Aprendia a ser compassivo como o Pai era compassivo (Lc 6.36). Assim como o Pai faz brilhar o sol e cair a chuva sobre justos e injustos, assim Jesus aprendeu a amar os justos e os injustos, incluindo os seus inimigos e aqueles que o perseguiram (Mt 5.44,45).

Considera-se difícil seguir Jesus e viver como Ele viveu. Isso ocorre possivelmente pelo fato de não se experimentar Deus como Abbá. Para Jesus, o seu relacionamento com Deus como Pai era a fonte da sabedoria, do discernimento, da sua confiança e da sua radical liberdade. Dessa forma, pode-se ter também a liberdade de chamar Deus de paizinho e abandonar-se em seu amor, como filhos e filhas amados. Dessa forma, não se dirige a um Deus que impõe medo, um carrasco, déspota, distante, mas a um Pai de amor e vida.

4 JESUS CONTEMPLATIVO

Não há muita literatura a respeito de “Jesus contemplativo”. Mas a partir de uma leitura em detalhes dos evangelhos pode-se afirmar que Jesus foi um contemplativo. Quando se fala de contemplação no ambiente das igrejas pentecostais, prontamente se pensa nos mosteiros da “idade das “trevas”. E, desse modo, se perde muito em não se pesquisar e

aprofundar na contemplação como forma de intimidade e comunhão com o Pai.

Jesus é um contemplativo. O contemplativo consegue ver uma flor e ver o amor de Deus. Ver os lírios do campo e ver que Deus cuida deles. Ver os passarinhos e dizer: que tremendo e extraordinário, os passarinhos, que não semeiam nem colhem, e, apesar disso, vivem e são cuidados pelo amor do Pai. Jesus usa exemplos da vida cotidiana para explicar o que é o Reino de Deus (basta estudar as parábolas, por exemplo, Mateus 13. O contemplativo é alguém que consegue fazer a conexão da realidade com Deus.

Esse lado contemplativo de Jesus torna tudo muito mais profundo e sai do nível superficial; ajuda a ver o sentido maior, além das aparências; mostra como Jesus tinha uma visão não esfacelada da realidade, mas de totalidade. Tudo fala de Deus Pai; mostra uma realidade mais profunda, “escondida”, como um tesouro.

É maravilhoso receber a graça de Deus e poder “ver” Deus, a fonte da vida e do amor, numa flor, no fermento, na pureza das crianças, numa ovelha que foi achada, no calor de um abraço, na expressão de amor e carinho, no pão. É a realidade profunda que é des/coberta. Jesus ensina sobre a importância dos momentos de recolhimento e contemplação a descobrir o mais profundo de tudo. Por isso, em sua prática percebe-se a valorização do silêncio, da tranquilidade, do retirar-se; solidão que tanto revela, da fé e da graça de Deus. Contemplar para Jesus é um convite para intimidade e um relacionamento mais profundo de comunhão amorosa com Deus Pai.

Praticar a contemplação no mundo cheio de atividades e programas é uma constante descoberta de que Deus está sempre voltado para o ser humano e intimamente próximo a ele. Segundo William McMamara, a atitude de contemplar é “a simples intuição de nascer do amor... Observar demorada e amorosamente algo...uma criança, um

copo de água, um pedaço de pão...esse é uma ato natural de contemplação em amorosa admiração ... ser capaz disso, eis o problema”.¹⁰

A contemplação consiste basicamente em olhar em direção a Deus na fé, na esperança e no amor. Ela acontece, por assim dizer, fora da ideia habitual que sempre se faz de si, de Deus e dos outros. Significa transcender aquela personalidade falsa que se vive no dia a dia e mergulhar na fonte mais profunda onde pode-se posicionar diante de Deus, voltando-se conscientemente em direção à Jesus Cristo.

Contemplação não se refere simplesmente a um exercício devocional. Certamente, não se trata de algo que depende de perseverança com algum método, uma maneira de respirar ou sentar. A contemplação aplica-se a todos os seres humanos e, portanto, deveria ser tão natural quanto um bebê olhando o rosto de seu pai ou de sua mãe.

A proposta de Jesus consiste no chamado para que os cristãos vivam em alegria, felicidade e vida plena que Deus oferece na intimidade e união profunda com Ele. Enfim, trata-se da experimentação de uma espiritualidade contemplativa.

A contemplação destina-se para aqueles que oram e mesmo assim têm sede por algo mais profundo por um tipo de relacionamento mais intenso com o Pai. Destina-se para aqueles que desejam “provar e ver que o Senhor é bom e suave”. Não se trata de questão puramente intelectual, mas de experiência inefável de Deus como o âmago vivo de seu ser.

5 A MEDITAÇÃO SILENCIOSA

No artigo até aqui fica claro que o tempo de oração tem vários momentos e aspectos. O ato de refletir na Palavra de Deus e ouvir

¹⁰ NCMAMARA, Willian. **New seeds of contempction**. New York. 1961. p. 81.

quietamente Sua voz suave é meditação. No momento da oração, a meditação é o período em que se reflete sobre o que se lê nas Escrituras e nas impressões que Deus concede. Ao orar se fala com Deus; quando se pratica a meditação, Ele se comunica com o crente. Meditar é um tempo para parar de falar e ouvir a suave e doce voz do Bom Pastor.

A meditação não é uma atividade mental, como pensar em Deus ou em Jesus. A meditação é um exercício destinado a acalmar a mente e o coração. É uma forma de se chegar ao silêncio interior.

A mente e o coração nunca param. A cabeça está atulhada de pensamentos e sentimentos: recordações, planos, medos, preocupações, desejos, iras e frustrações. É tudo muito movimentado, como já mencionado no início. E mesmo quando se consegue reservar algum tempo de quietude, o ruído e a ocupação frenética da vida invadem a mente e o coração. Pode haver silêncio exterior, mas silêncio interior não há. São controlados e impelidos pelos pensamentos e sentimentos. Algo semelhante a uma rolha flutuante, que sobe e desce ao sabor do mar tempestuoso. Quando mais se tenta manter a calma ou libertar a mente de alguma ideia, mais ela volta a assaltar o indivíduo.

A meditação é uma forma de introduzir certa ordem e paz neste caos, esvaziando a mente de todos os pensamentos que distraem da comunhão com o Pai. Os primeiros eremitas cristãos retiravam-se para o deserto, como Jesus fizera, partindo em busca de Deus.¹¹ Para eles, o primeiro passo para a meditação era o silêncio do coração (*hesychia*). Alcançavam-no, sobretudo através da repetição daquilo a que chamavam a oração de Jesus: “Senhor Jesus Cristo, tem misericórdia de mim”. Sendo uma prática associada por vezes ao ritmo da própria respiração, o seu objetivo era acalmar o coração e a mente.

¹¹ NCMAMARA, 1961, p. 81.

Na meditação há um estado de quietude que possibilita a audição da voz de Deus através de Sua Palavra. É no momento da comunhão mais profunda com o Pai que se pode tomar a Sua palavra e se encher com ela. Quanto mais se expõe à Palavra, mais Deus fala e transforma a vida do cristão. Cercar-se com a Palavra de Deus é uma variação na meditação (Sl 1.2). Oração e meditação se mesclam quando se sente o toque, o sopro de Deus.

Thomas Merton afirmou certo dia: “A contemplação é essencialmente, escutar em silêncio”.¹² Como o profeta Elias descobriu na gruta do monte, Deus não está no vento, nem no tremor de terra, nem no fogo, mas no silêncio de uma brisa suave (1 Rs 19.11-13).

6 SE ALGUÉM TEM SEDE....

“No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7.37-38).

Somente aqueles que têm sede receberão as águas vivas da contemplação. Somente aquele que têm fome de Deus dará a si próprio como alimento. O desejo constitui o ingrediente mais importante na busca de águas vivas. Esse desejo, no entanto, deve ser desejo “certo”, despido de egoísmo. O desejo de amar a Deus pelo que Ele próprio é. O desejo sincero por Deus pode sobrepujar as fraquezas, as negligências, e até pecados: *“Seus muitos pecados lhe estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor”* (Lc 7.47). Sem desejo, pouco se pode progredir no caminho da espiritualidade. Sem desejo, o Deus das misericórdias permanecerá em silêncio e afastado da experiência pessoal. Sem desejo, não é possível ser brindado com a dádiva da intimidade e profunda comunhão com o Pai.

¹² MERTON, Thomas. **Contemplação num mundo de ação**. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 48.

Muitos suprimem qualquer possibilidade de acender esse desejo pela atividade constante, inclusive, e talvez principalmente, ocupando-se da “obra do Senhor”. A atividade pode facilmente tornar-se forma de escapismo do vazio interior. Há temor e receio do silêncio e solidão, porque se teme a verdade da real situação interior. Aqueles que seguem a disciplina de oração, que buscam algum silêncio e solidão em meio à agitação da vida, receberão o dom da sede que os inspirará para anelar pelas águas vivas da presença de Deus. Salmo 42.1 diz: *“Como a corça anela por água”*; deve ser nosso desejo, nossa sede.

Na antiga Palestina, entendia-se por “água viva” água corrente, água cheia de frescor e pureza, cheia de “vida”. Essa água viva simboliza o Espírito Santo, o Espírito que “enviou Deus aos corações” (Gl 4.6).

Na busca incessante de diversão e no ímpeto consumista de dinheiro, poder, sucesso e prazer, as pessoas estão perdendo muito tempo e deixando do que há de mais precioso que é intimidade e comunhão profunda com Cristo. Cristo veio para curar enfermos, curar perturbações emocionais, e convida para um tempo de união mais profunda.

7 UM TEMPO, UM LUGAR SEPARADO

Estes princípios estudados podem ser colocados em prática por todos. Rever conceitos, repensar decisões, planejar a vida. Requer coragem e ousadia, sem dúvida, para quebrar os paradigmas existentes.

O grande obstáculo para a contemplação silenciosa em oração consiste na rigidez e no preconceito. Aquele que pensa saber o que ela é de antemão priva-se de descobrir a verdadeira natureza da contemplação. Uma vez que não se mostra capaz de mudar de ideia e aceitar algo novo. Esta-se tratando da vida humana que não se pode apreciar e estudar como a um objeto, pois não se trata de uma “coisa”. Tudo o que uma disciplina

espiritual pode proporcionar é que se crie dentro dos cristãos, algo de silêncio, humildade, desprendimento, pureza de coração.

Parece correto dizer, que aquele que quer uma vida de intimidade de silêncio, e contemplação, precisa atualmente de duas coisas: primeiro precisa reduzir o máximo possível o conflito e a frustração da sua vida rompendo o contato com o “mundo” e sujeições do ativismo. Isto não significa “sair do mundo”. Mas significa diminuir suas necessidades de conforto, diversão, prestígio e sucesso, e abraçar uma vida mais desprendida. Viver simplicidade. Em segundo lugar, ele precisa aprender a tolerar os conflitos inevitáveis que permanecem – o barulho, a agitação, a multidão, a falta de tempo e, acima de tudo, o contato constante com a agenda do “urgente”.

Trata-se de uma questão de coragem para evitar a ocupação e preparar-se para estar cara a cara com uma experiência de vida em solitudine. Esse tempo deve ser entendido, não como uma fuga esquizóide, mas como capacidade para dar um tempo e ser capaz de ver o estado interior e descansar no colo do Pai.

As primeiras horas do dia constituem um bom tempo para começar. A madrugada representa, por sua própria natureza, um momento calmo, tranquilo e próprio para uma comunhão mais profunda com Deus Pai – um momento em que se pode fazer uma pausa e observar o maravilhoso nascer do dia. É um momento de vida nova, de novo começo, e, portanto importante para uma prática da espiritualidade do silêncio e meditação contemplativa. A vida espiritual nada mais é do que uma constante renovação interior.

7.1 No momento presente

A transformação pessoal começa quando se segue Jesus até o deserto, reservando algum tempo para estar em silêncio e na solidão.

Esse será o tempo de meditação silenciosa, mas não só isso. Também se precisa de tempo para ler, refletir, orar e para deixar que o Espírito Santo penetre até o âmago. Retira-se ao deserto para ouvir aquilo que Jesus tem para dizer, e para começar a ver o mundo como ele é realmente. É o tempo em que se pode aprender a conhecer melhor, a ler as Escrituras com o coração e ver a vida em volta com amor.

Viver no momento presente não significa retirar-se para um momento privado. Deus está presente aqui e agora não só na vida secreta e privada, mas também na vida de todas as pessoas em todo o universo.

Muito se pode aprender mediante a interação com outras pessoas. Contudo, a própria inspiração advém da comunhão com Deus durante os períodos contemplativos de silêncio e solidão. Foi isso que Jesus fez, e é isso que também se recomenda fazer para o desenvolvimento de uma espiritualidade cristã saudável.

8 A SOLICITUDE, A CONTEMPLAÇÃO E O ASPECTO COMUNITÁRIO

A reflexão até aqui destacou a importância e alguns tipos de disciplina para uma vida de oração profunda. Em Jesus fica evidente a importância destas práticas. Isto vale para a igreja hoje. Mesmo dentro do movimento pentecostal.

Jesus não permaneceu o tempo todo retirado, sozinho, em oração. Reconhece-se que antes e depois de se retirar ao deserto de madrugada (Mc 1.35), ele fez várias curas e pregou (Mc 1.21-34, 38-45; 2.1-12). Antes de subir ao monte para orar (Mc 6. 46-47), ele fez a multiplicação dos pães (Mc 6.30-44). Antes e depois de ir para um lugar deserto (Lc 4. 42), ele fez muitas curas, pregou nas sinagogas, fez milagres (Lc 4.31-41; 5.1-26). Esse outro momento da vida de Jesus é de fundamental im-

portância para a fé cristã. Jesus se retirou e orou, mas atuou e viveu junto com o povo, dentro da realidade social, política, econômica, religiosa em que vivia. Pode-se afirmar que toda a ação amadurece na oração. Não existe dicotomia entre ambas. Jesus teve muitos momentos específicos de relação, comunhão íntima e profunda com o Pai e, por outro lado, junto com o Pai, atuou deixando sinais do Reino. Dessa forma, não se pode ver na prática de Jesus uma separação, mas uma interrelação da oração com a ação. Segundo Dietrich Bonhoeffer:

[...] sozinho podemos ficar somente se estivermos na comunhão. Só na comunhão aprendemos a estar sozinhos no sentido correto; e somente na solidão aprendemos a viver de modo correto na comunhão. Uma coisa não precede à outra; ambas começam ao mesmo tempo, a saber, com o chamamento de Jesus Cristo [...] Quem não suporta a solidão, que tome cuidado da comunhão. Quem não se encontra na comunhão, que tome cuidado da solidão.¹³

Por isso tudo o que se tenta refletir até aqui, não pode ficar somente no âmbito pessoal e individual. Denota-se em Jesus um equilíbrio dos momentos de solidão, silêncio, acolhimento, tranquilidade, oração, contemplação e, por outro lado, uma vida de ação.

Deste modo, há um convite, para pentecostais ou não, para adentrarem na paz que está além de todo entendimento. Reconhecer o valor de estar simplesmente sozinho com Deus, na qualidade de amado, sem fazer nada. Na sociedade atual voltada ao desempenho tem que se cuidar com uma preocupação superficial por resultados de orações feitas. Não avaliar, não medir, não julgar os períodos de oração pode libertar do “materialismo espiritual”. Somente comparecer e ficar quieto.

Acima de tudo, a oração é um ato de amor. É uma resposta pessoal ao amor de Deus. Amar alguém implica ansiar por sua presença e co-

¹³ BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 23.

munhão. A prontidão em perder tempo com um amigo é uma silenciosa afirmação de sua importância.

Ter tempo para acomodar-se nos braços do Pai, simplesmente estar em suas mãos amorosas. Escolher permanecer esse tempo de intimidade com o Pai, dando a Ele, recebendo seu amor e cuidado, desfrutando Sua doce presença. É esse tipo de oração que abre possibilidades para atuar no Reino.

9 AQUIETAR

Eu sou seu Deus, você é meu filho. Como você pode chegar a duvidar de que irei abraçá-lo novamente, trazê-lo para junto do peito, beijá-lo e passar as mãos por seu cabelo? Sou um Deus de misericórdia e compaixão, de ternura e cuidado. Quero muito ter você perto de mim. Conheço todos os seus pensamentos. Ouço todas as suas palavras. Vejo todas as suas ações. E amo você. Não julgue a si mesmo. Não condene a si mesmo. Não rejeite a si mesmo. Deixe meu amor tocar os cantos mais escondidos de seu coração e revelar a você sua beleza que você perdeu de vista. Venha, deixe-me secar suas lágrimas, e deixe minha boca aproximar-se de seu ouvido e dizer a você: EU TE AMO, EU TE AMO, EU TE AMO [...]¹⁴

REFERÊNCIAS

BITUN, Ricardo. **Henri Nouwen de a a z**. São Paulo: Vida, 2009.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

ECKHART, Meister. **Predigt-meditationen**. Göttinger. 1979.

JEREMIAS, Joachim. **O pai-nosso: a oração do Senhor**. São Paulo: Paulinas, 1976.

¹⁴ BITUN, Ricardo. **Henri Nouwen de a a z**. São Paulo: Vida, 2009.

KIERKEGAARD, Soren. **Der weg für arbeit und besinnung.** Berlin. 1975.

MERTON, Thomas. **Contemplação num mundo de ação.** Petrópolis: Vozes, 1975.

NCMAMARA, Willian. **New seeds of contempction.** New York. 1961.

NOUWEN, Henri. **O perfil do líder cristão do século XXI.** Belo Horizonte: Atos, 2002.